

28 FEVEREIRO 1997

■ CULTURA

EDUCAÇÃO

O terceiro idioma

Aumenta procura por italiano e espanhol; por alemão declina

por André Lachini
de São Paulo

A procura por cursos de italiano está aumentando nas cidades brasileiras. Ao contrário do que acontecia há alguns anos, quando muitas pessoas aprendiam a língua com o objetivo de obter a cidadania italiana e viver na Europa, a motivação atual parece ser cultural e profissional. Cerca de 70% dos alunos ainda são descendentes de italianos, mas brasileiros sem origem italiana e descendentes de japoneses também procuram as escolas. Ao mesmo tempo em que a procura por italiano aumenta, outras línguas também estão atraindo mais estudantes, como o espanhol. O inglês segue imbatível. O ensino de alemão, por sua vez, declina em São Paulo e no Sul do País.

Moda de novela

"Tivemos uma aumento de 80% no número de alunos no semestre passado, em relação ao semestre retrasado", informa Claudia Auge, diretora do Centro Cultural Brasil-Itália, em São Paulo. Segundo ela, a novela "O Rei do Gado", que a Rede Globo exibiu entre 1996 e fevereiro deste ano, que tocava na questão da imigração, chamou a atenção de muitos descendentes para o idioma. Outra moda passageira, desencadeada por uma novela? Não, a analisar pelo que acontece em um contexto maior.

"Muitas vezes, é um desejo de recuperar a língua de origem da família. Ou então ter acesso a um rico patrimônio cultural. Acredito que este novo interesse reflete a busca da literatura, do design e da arte italianas", disse a professora Loredana Caprara, doutora em letras pela Universidade de São Paulo (USP) e diretora da Associação dos Professores de Italiano do Estado de São Paulo.

Quanto mais alunos procuram os cursos, mais as escolas sentem um problema que é a falta de professores habilitados para o ensino do italiano. Às vezes faltam professores formados nas universidades; outras vezes, faltam professores com conhecimentos da cultura italiana e da realidade atual do país, muito diferente dos tempos da imigração. "A procura aumenta, novas escolas aparecem, mas existe o problema da falta de professores licenciados pelas universidades", disse o professor Antonio Cicuto D'Ambrosio, diretor e dono do Corso D'Ambrosio, maior escola de italiano de Curitiba, com 320 alunos. "Fazemos cursos de formação de professores na nossa escola", disse Cicuto, acrescentando que a Universidade Federal do Paraná (UFPR) não forma um professor em letras/italiano há dois anos. "Escolhemos alunos muito



interessados na língua, com conhecimento total do idioma, com curso superior e que já tenham estado na Itália pelo menos uma vez", disse Cicuto. O curso tem de seis meses a um ano de duração.

Em Curitiba também foi introduzida uma inovação que está dando bons resultados para as escolas de idiomas. O Corso D'Ambrosio juntou-se à Aliança Francesa, ao Instituto Goethe, à Cultura Inglesa e ao Centro Cultural Brasil-Espanha na formação da Associação Oficial das Escolas Europeias, entidade que congrega a escola mais importante da cidade em um idioma.

O resultado prático do negócio é o seguinte: se um aluno estuda italiano no Corso D'Ambrosio, por exemplo, ganha 15% de desconto na matrícula e na mensalidade se aprender alemão no Instituto Goethe ou francês na Aliança. E por aí vai. Um estudante de inglês na Cultura Inglesa ganha 15% de desconto no D'Ambrosio ou no Centro Cultural Brasil-Espanha. A associação é importante porque os cursos são caros. Segundo Cicuto, um semestre de aula nas escolas custa, em média, R\$ 350.

Uma das grandes preocupações da Aliança Francesa foi investir em tecnologia, novos métodos pedagógicos e cursos de atualização de professores para inverter a queda da procura. Deu resultado, informa o coordenador pedagógico da Aliança em São Paulo, Jean Luque Renault. O número de alunos matrículados cresceu em duzentos, comparado ao primeiro semestre de 1996. Hoje a Aliança Francesa tem 3 mil alunos nas suas sete escolas na capital paulista, além de desenvolver uma escola paralela para executivos.

"O mais importante é que tivemos um acréscimo de 50% no número de alunos iniciantes. As pessoas estão entendendo que dominar três idiomas fortalece o currículo e melhora a cultura geral", disse Renault. Ele aponta outras razões para o aumento da procura: a estabilidade da economia brasileira e um pequeno aumento

nos investimentos franceses, inclusive através da indústria automobilística Renault. A Renault vai para Curitiba, mas também contará com fornecedores de autopeças de São Paulo, razão pela qual executivos se interessam pelo francês.

Globalização

Jean Luque dá um recado interessante sobre a globalização e o risco das outras culturas perderem força ante a avalanche anglo-americana: "A globalização é boa, mas as pessoas não devem se limitar ao inglês. O francês e as outras línguas têm uma enorme bagagem cultural que também é importante em vários aspectos da vida", disse.

O espanhol é outro idioma que as pessoas estão procurando muito, talvez até mais do que o italiano. O diretor do Centro Cultural Brasil-Espanha em Curitiba, Cayo Miguel Martin Cristóbal, disse que o motivo é o Mercosul, aliado à opção de fazer cursos na Espanha. "As matrículas cresceram 100% em 1996 em relação a 1995", disse. Para este ano, Cristóbal espera um crescimento significativo. A escola tem 700 alunos.

O ensino do alemão está estável no Instituto Goethe, embora tenha declinado em outras escolas particulares de alemão, que passaram a oferecer também cursos de espanhol e inglês. "O Goethe, em si, não sofreu muito a diminuição de alunos. Estamos investindo pesado na formação dos professores e na didática", disse o diretor do curso em São Paulo, Gunther Kipsmuller. Ele informou que o Goethe está formando 25 jovens professores, ao custo de R\$ 10 mil cada um, em um treinamento que envolve cursos na Alemanha. Com 1.400 alunos em São Paulo, o Goethe oferece bolsas de estudo para cerca de 15% dos alunos, que tem descontos de 20% a 50% nas mensalidades.

"Um profissional deve falar inglês, só que isto hoje é comum, não o distingue mais. É preciso que ele tenha uma terceira língua, e é aí que nós entramos", disse Kipsmuller. ■